

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 65 — Domingo, 5 de Setembro de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NÃO HESITE
Para os seus trabalhos
tipográficos ou carimbos
PREFFA A
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
Telefone 59 Apartado 3
Vila Real de Santo António

A MOTORIZAÇÃO DAS ARTES DE PESCA LOCAIS como meio de aumentar o seu rendimento

QUEM se der ao cuidado de compulsar as estatísticas de pesca nos anos de 1951/52, do nosso país, encontra a seguinte diferença entre os valores da pesca efectuada pelos pescadores, nas seguintes modalidades:

Modalidade de pesca	N.º de pescadores em actividade	Valor da pesca por pescador	
		Contos	Ton.
De arrasto	1202	161	32
Do bacalhau	3839	85	14
Da sardinha	15.855	21	8
Pesca local de Quarteira	304	16	5

É preciso esclarecer que os valores unitários de Quarteira se obtiveram entrando em consideração com toda a pesca desembarcada neste porto, incluindo, portanto, a proveniente das traineiras e galeões, em que não intervieram os 304 pescadores em actividade e ma-

triculados ali, pelo que os 16 contos de pesca média anual ainda são, na realidade, inferiores. Assim se conclui que em Quarteira, — e o mesmo sucede em Monte Gordo, onde existem também as artes de xávega, — o valor inferior à média

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

CONFORME anunciamos oportunamente, abriu, em Faro, no passado dia 1 deste mês, uma Filial deste importantíssimo estabelecimento de crédito, a qual ficou provisoriamente instalada na rua Conselheiro Bivar, n.º 101 e 103.

A Administração do Banco Português do Atlântico, a que preside o sr. Cupertino de Miranda, procurou, desta forma, atender às necessidades impostas pelo crescente desenvolvimento

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

EM MONTE GORDO

Uma lição de trânsito...
dada a sorrir!

NA continuação de uma iniciativa que tão bons resultados tem colhido em vários países estrangeiros, a SHELL PORTUGUESA está a realizar em várias praias do País uma série de exibições de trânsito, sob o patrocínio do «Diário de Notícias» e do Automóvel Clube de Portugal e que, provocando embora um sorriso, constituem uma altruista lição de realidade.

Misto de lição e de jogo, cujas bases se procuram nos vastos recursos da moderna pedagogia, a «exibição de trânsito» traz consigo a representação viva dos casos de inconsciência, que tão tristes consequências por vezes acarretam. Educando e preparando as camadas jovens para o respeito pelas regras de trânsito, constitui ao mesmo tempo um clamoroso apelo à consciência dos adultos.

O incondicional apoio que as autoridades logo testemunharam à ideia e os aplausos calorosos que lhe estão a render as populações que têm assistido às suas exibições, são as homenagens que uma iniciativa de tão altruistas finalidades não podia deixar de merecer.

Nos próximos dias 7 e 8 do corrente, a «escola de trânsito» da Shell Portuguesa visitará Monte Gordo e a Praia da Rocha onde não deixará de obter, estamos certos, o melhor acolhimento dos que a aguardam já com tão justificada expectativa.

O MONUMENTO AO INFANTE D. HENRIQUE EM SAGRES

A FOLHA oficial publicou, na terça-feira, o regulamento do Concurso para o monumento a erguer em Sagres ao Infante D. Henrique. Começa, pois, a tomar corpo, a concretizar-se esta velha aspiração de todos os portugueses, e, em especial, de todos os algarvios — desiludidos com o malogro das anteriores tentativas de colocar no Promontório Sacro um padrão a perpetuar a memória do Príncipe sonhador e aventureiro que gizou a Epopeia marítima que fez de nós um povo ímpar na História de todos os povos.



É tempo de prestar ao ínclito filho de D. João I, o solitário de Sagres, que ali arquitectou o sonho audacioso que haveria de levar as nossas naus às cinco partidas do mundo, essa modesta homenagem dos portugueses de hoje. Enquanto ela se não realizar, enquanto esse Padrão não desafiar, do alto das penedias do cabo «onde a terra acaba e o mar começa», a fúria dos elementos, manter-se-á em aberto uma grave

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

Dr.ª Maria José Marrecas

COM elevada classificação, terminou a sua licenciatura em Filologia Germânica, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a sr.ª dr.ª D. Maria José Teixeira Marrecas, gentil filha da sr.ª D. Maria José de Aragão Teixeira Marrecas e do nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. Cândido Augusto da Costa Marrecas, agente do Banco de Portugal em Beja.

À nova licenciada, bem como a seus pais, apresentamos cumprimentos de felicitações.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

NOVA CARTA DE SINES

Pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

ENQUANTO a tragicomédia luso-indiana prossegue na sua representação, lá muito longe nos mares do Oriente, aqui em Sines o único acontecimento de maior vulto foi o banho famoso do dia 29, que trouxe à praia seguramente para cima de 4 a 5 mil pessoas de todas as idades e sexos.

A praia foi, do nascer ao pôr do sol, um autêntico enxame de toda a espécie de gente, alto e baixo, (como teria dito Nicolau Tolentino), multidão polimorfa e policroma, esparsa dum extremo ao outro da extensa areia fina, banhada pelo mar azul. E o dia estava na verdade convidativo, com a sua temperatura amabilíssima. A esplêndida Esplanada Alentejana ofereceu na noite um substancioso programa de artistas lisboetas, heróis do dia em fados, canções e quejandas iguarias do manjar poético-musical ao sabor popular, e o excelente Cine Vasco da

O RISO DA SEMANA



— Ó homem, viemos a Monte Gordo tomar fresco e tu estás para aí a suar, desalmadamente!



Rio Guadiana — em Vila Real de Santo António

Um convite para a prática dos desportos náuticos, verdadeiro apelo à mocidade da nossa terra — que lamentamos ver cada vez mais arredia dessas salutares actividades...

DA CRIAÇÃO NA ARTE

Por N. RODRIGUES PENA

NO dizer dum conhecido pensador alemão, «a arte é a mais alta alegria que o homem dá a si próprio.» E assim é, de facto. Meditando em confissões de certos artistas, a arte torna-se para eles, uma actividade absorvente, uma verdadeira tirania, devoradora de todos os seus momentos, centro de todos os seus interesses. Muitas vezes esquecidos de viver, estes homens encerram-

se no seu quarto, e afastados do mundo, reconstituem esse mundo — uma vida sempre mais bela e compreensiva do que aquela que se movimenta a seu lado.

Quando se trata de um verdadeiro artista, o fenómeno da criação assume formas de espantoso dramatismo, levando esses artistas a aceitarem como reais as cria-

ções da sua própria imaginação. Um dia, perguntaram a Flaubert quem era a Madame Bovary, e o artista respondeu: Madame Bovary *c'est moi*. Confessava ainda Flaubert, quando descrevia o envenenamento de Emma Bovary, sentira na boca o gosto do arsénio de que se servira para matar a sua heroína. Balzac, nos seus últimos momentos de vida, pressentindo a morte à sua volta, gritava que só o médico Bianchon o poderia salvar. Bianchon, como se sabe, é uma das personagens da Comédia Humana. O mundo do artista é um mundo de fantasmas, mas fantasmas que se prendem e enraizam na vida. Para o leitor ou apreciador de qualquer obra de arte, a emoção do artista ao construir as suas obras é lhe transmitida, mas já com menos intensidade, perdendo muito da sua violência emocional. Por isso o autêntico artista é o indivíduo capaz de se desdobrar em dezenas de outras pessoas, o indivíduo capaz de viver a vida de qualquer outra pessoa tão verosimilmente, tão violentamente como estivesse a sofrer ou a sentir as mesmas

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

ALMEIDA GARRETT E O TEATRO

Pelo Eng. J. SILVA GARVALHO



ALMEIDA GARRETT

(Grav. em madeira de M. Cabanas)

A PRIMEIRA metade do século XIX teve a iluminada o génio de Almeida Garrett que, como é sabido, nasceu no Porto em Fevereiro de 1799, vindo a falecer em Dezembro de 1854. Dentro de poucos meses passarão precisamente 100 anos sobre a morte deste homem ilustre, que pelo ideal da liberdade sofreu perseguições, prejuízos materiais, o exílio e, principalmente, a reacção sistemática dos governos, contra a sua obra no teatro português.

O conhecimento de várias línguas permitiu-lhe tomar contacto com algumas obras em voga no estrangeiro, de Newton, de Locke, de Leibnitz, de Kant, assim como com a literatura da revolução francesa, perante a qual consolidou melhor as suas ideias sobre a soberania popular e sobre os direitos do ho-

mem. Os inimigos acusaram-no de demasiado pedante; quase o retrataram como um manequim de loja de modas, mas... a sua inteligência arrastou-o para a causa popular dos patulelas, e fez com que abraçasse a revolução de 1820, desde a primeira hora.

Garrett era quase um republicano, fanático adepto da liberdade e patriota perfeitíssimo, repartindo os seus ócios, igualmente, pela política e pelas letras. Na Universidade de Coimbra, revelou-se o condutor da academia e o impulsor do teatro académico. Foi ali que ensaiou e escreveu a «Merope» e a «Lucrecia»; aí sistematizou, dando-lhe, realidade, em parte, outras peças, como «Afonso de Albuquerque», «Sinfonias», «Atala» e «Amor da Pátria», esta última para festejar o nascimento da Princesa da Beira, em 1819.

Depois que veio para Lisboa, Garrett continuou o seu labor teatral, estreando no Bairro Alto o drama «Catão», interpretado por um grupo de estudantes de Coimbra, de que fazia parte.

Depois, a política atirou-o para o estrangeiro, e só após a vitória dos Setembristas uma porta-

SECÇÃO DE FINANÇAS

Assumi as funções de chefe da secção de finanças desta vila o sr. Faustino do Nascimento, que se encontrava a chefiar a secção de Castro Marim.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Eng. Sebastião Ramirez

Com sua esposa, sr.ª D. Maria Isabel Roldan de Ramirez, encontra-se na sua propriedade de Cacela o nosso ilustre conterrâneo e prezado amigo, sr. eng. Sebastião Garcia Ramirez, deputado pelo Algarve e antigo ministro.

FESTAS

DE NOSSA SENHORA DAS DORES

EM MONTE GORDO

Nos próximos dias 11 e 12, realizar-se-ão em Monte Gordo as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora das Dores, em que estão incluídas, além das cerimónias religiosas, com procissão, no domingo, pelas 18 horas, corridas de bicicletas e motociclos, um encontro de futebol, concerto pela Banda de Loulé e os habituais fogos de artifício.

Amândio Manso Ribeiro

PARTIU, no passado dia 1, para o Barreiro, por ter sido transferido, a seu pedido, onde foi tomar posse do cargo de chefe da Secção de Finanças daquele concelho, o sr. Amândio Manso Ribeiro, que durante alguns anos exerceu idênticas funções nesta vila.

Devido às suas qualidades morais, compareceram na gare inúmeras pessoas suas amigas, que assim quiseram prestar justa homenagem àquele que soube durante o tempo que chefiou a Secção de Finanças deste concelho, cumprir o seu lugar, de modo a deixar saudades.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com sua esposa, encontra-se na quinta da Bornacha, em Cacela, o nosso querido amigo e prezado assinante em Chaves, sr. tenente dr. Santiago João Carrilho Medeiros, médico-veterinário do Regimento de Cavalaria 7, naquela cidade.

Retirou desta vila para Leiria, onde vai exercer o cargo de médico municipal, o sr. dr. José Borges da Gama, distinto clínico que exerceu, aqui, idênticas funções, e onde grangeou inúmeras amizades.

Já regressou a Olhão o nosso prezado amigo e ilustre colaborador, sr. dr. Francisco Fernandes Lopes, médico naquela vila, que se encontrava a veranejar, em Sines, com sua família.

Com sua esposa, foi a Lisboa o nosso querido amigo e assinante, sr. dr. José Gomes Cumbreira.

De regresso de Chaves, onde estiveram durante algum tempo, encontram-se na sua propriedade da Bornacha, em Cacela, o nosso amigo e prezado assinante, sr. Santiago Ponce Medeiros e sua esposa, sr.ª D. Celeste Carrilho Ponce Medeiros.

Está a veranejar em Monte Gordo, com sua esposa e filhos, o nosso prezado amigo e distinto colaborador, sr. Cândido Augusto da Costa Marrecas.

Com demora de alguns dias, esteve nesta vila, com sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante, sr. José Ritta Júnior, tesoureiro da Fazenda Pública em Loulé.

Com sua esposa e filha, encontra-se nesta vila, de visita a seus sogros, o nosso prezado assinante, sr. Alfredo Mesquita, funcionário do Banco de Portugal em Lisboa.

Seguiu para o Estado da Índia Portuguesa o nosso prezado conterrâneo e assinante, sr. José Herculanio Leiria, apresentando as suas despedidas aos seus amigos.

Encontra-se em tratamento, no Sanatório do Outão, em Setúbal, a esposa do nosso prezado assinante, sr. António Pedro da Luz.

Acompanhado de sua irmã, encontra-se de visita, em casa de seus pais, o sr. António Guerreiro Soares, nosso prezado assinante em Lisboa.

Esteve nesta vila, tendo retirado já para o Montijo, o nosso assinante sr. António Mendes.

Acompanhado de sua família, regressou a Montalegre o nosso prezado assinante e amigo, sr. Américo de Brito Neves.

Seguiu para Lisboa, de visita a sua família, a nossa estimada assinante e conterrânea, sr.ª professora D. Maria dos Anjos Neves.

A fim de frequentar o curso de sargentos milicianos de Artilharia, seguiu, há dias, para Vendas Novas, o nosso amigo sr. José Norberto Pereira Domingues.

Também seguiu para Tavira, a frequentar o curso de sargentos milicianos de Infantaria, o sr. José Higinio Saraiva.

Encontra-se nesta vila, o nosso prezado assinante, sr. João Marques Colaço, residente em Cuba.

Retirou para Lisboa, com sua esposa, o nosso prezado assinante, sr. Manuel Caldeira.

Jantar de despedida

POR motivo de transferência, a seu pedido, para o concelho do Barreiro, do secretário de Finanças, sr. Amândio Manso Ribeiro, que durante anos chefiou, com o maior brilho, a secção de Finanças deste concelho, reuniram-se num jantar de despedida, na Pensão Mateus desta vila, os funcionários da Secção de Finanças e Tesouraria.

Aos brindes, falaram alguns funcionários que enalteceram os dotes pessoais e de chefia do sr. Amândio Manso Ribeiro, pessoa que reúne todas as qualidades de um exemplar chefe e amigo.

Por fim, o homenageado, muito comovido, agradeceu a atenção que os funcionários se dignaram ter para com ele, garantindo que nada mais tinha feito do que cumprir o seu dever, tanto para com os seus companheiros de trabalho, como para com todos os contribuintes do concelho de Vila Real de Santo António, donde parte com a maior saudade.

A PROPÓSITO DOS FABIANOS

que emitiram parecer sobre

«A ilha dos sonhos malditos?»

A PEDIDO, certamente, do interessado, o «Notícias do Algarve» inseriu duas apreciações acerca de «A ilha dos sonhos malditos?», de A. Vicente Campinas, apreciações essas do artista Roberto Nobre e do poeta Hernâni de Lencastre. Na carta deste último há umas referências bastante desagradáveis a uns fabianos «críticos» que me poderiam atingir de certo modo, já que me permiti fazer uma apreciação mais generosa que sincera ao livro em causa. Mas verifico que, por ora, não estou abrangido na classificação pejorativa do poeta Hernâni de Lencastre. E' que a sua carta acidulada tem a data de 7 de Agosto e o meu pobre escrito foi publicado no dia 15, nove dias depois do nosso ilustre poeta ter transmitido a Vicente Campinas as suas impressões de «A ilha dos sonhos malditos?», com o prefácio epistolar em que pretende pulverizar os tais fabianos.

Conquanto, como digo, não me sinta directamente atingido, não deixei de reparar no facto, tanto mais que tais apreciações, vindas a público depois do que escrevi, podiam induzir em erro os leitores, levando-os a personificar os tais fabianos, de H. Lencastre, no modesto e apagado homem que eu sou.

E daí a razão por que acho necessário transcrever a crítica que tanto aborreceu o autor de «A ilha dos sonhos malditos?» e deu pé a H. Lencastre a sentenciar tão precipitadamente sobre os negregados fabianos que presumem petulantemente de «críticos».

Eis a crítica de «O Primeiro de Janeiro», publicada em 28 de Julho:

«Com uma bela capa desenhada por Roberto Nobre, há quase dez anos, publicou António Vicente Campinas o volume de poemas «A Ilha dos Sonhos Malditos?». Numa «Justificação», que abre o volume, o autor explica que tencionava publicar a maior parte das poesias que compõem o livro, em 1945. Então, o título da obra não tinha interrogação; agora entendeu dever pô-la, Tão ingénua como a «Justificação» são os versos reunidos no volume: sonetos e redondilhas, em geral, na primeira parte, a que chama Versos de Ontem, e na maioria versos livres, nas que intitula Versos de Hoje e de Amanhã. Quando sabemos por que não foi publicado o volume naquele ano de 1945, quando o seu ti-

tulo ainda não tinha o ponto de interrogação, quando não ignoramos as amarguras que padeceu o autor, é com grande mágoa que não fazemos o elogio dos seus versos. Eles são, porém, francamente maus. António Vicente Campinas é uma pessoa estimável, as suas intenções são dignas de louvor. Não são, contudo, as boas intenções que fazem os bons poemas, e ser uma pessoa estimável não significa que se seja necessariamente poeta.»

Pelo que julgo saber, estas linhas foram redigidas por um dos mais autorizados críticos portugueses que, noutras emergências, tem sido tolerantemente benévolo para Vicente Campinas. Ele o sabe e até nas entrelinhas desta apreciação a «A ilha dos sonhos malditos?» se nota a mágoa do crítico por não lhe ser possível dizer bem. Mas Vicente Campinas não quis ou não pôde compreender esta situação embaraçosa de um amigo que não podia, sem ofensa da verdade e sem desconsideração para com os seus leitores, tecer ecnómios ao que mais não merecia que palavras de censura. E daí a sua lamentável atitude de pespegar na gazeta a carta de H. Lencastre, tendo o cuidado de não suprimir os parágrafos em que o seu autor pretende diminuir os tais fabianos.

Não podemos classificar de elegante, e com pena o dizemos, o gesto do autor de «A ilha dos sonhos malditos?» e para não ficarmos sujeitos também, como o crítico do «Janeiro», a ser classificados de fabiano e de «crítico», dispensamo-nos de futuramente nos darmos ao incómodo de apreciar publicamente os escritos de Vicente Campinas.

José Barão

PROVINCIA

ALCOUTIM

O Castelo

Em lugar histórico de relevo, quando D. Dinis, ante a ameaça da invasão árabe, instalou em Castro Marim a nova Ordem de Cristo, ficou o castelo de Alcoutim a servir-lhe de cerra-fila.

Durante muito tempo, esteve o castelo com recato, cerradas as suas portas e ainda não há muito com certo embelezamento. Agora, porém, foi entregue ao domínio público, escancaradas as portas, e o resultado está à vista. Tornou-se em repugnante vazadouro de imundícies.

Há um ano fomos lá com gente vinda de Lisboa e que quis apreciá-lo como reliquia antiga e miradouro sobre a vila. Ficámos vexados. O cheiro nauseabundo, pestilento, que se exalava das inúmeras buchadas do gado que ali se mata e os cardumes de moscas que ao festim acorrem, fizeram-nos fugir.

Importa que, nas vésperas das festas da vila, a Câmara mande ali proceder a uma limpeza, para não serem incomodadas as pessoas que ali possam ir nem nos sintamos vexados ante a sua repugnância.

Festas da Vila

Continuam, com entusiasmo, os preparativos para as festas. Acorrem os donativos e espera-se que ninguém deixe de contribuir para obra de tanto realce social.

Todos podem e devem contribuir com muito ou pouco, conforme as suas posses e os seus anseios de benemerência. — c.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

Visado pela Comissão de Censura

ELEMENTOS ESCLARECEDORES

PARA A ECONOMIA

DO ALGARVE

O valor da

sardinha na

nossa lota

Vila Real de Santo António

o preço por quilo foi de 6828, em Olhão, Portimão e Lagos, os preços foram, respectivamente, de 3816, 2857 e 2802. Depois da nossa lota, a mais cara foi a de Matosinhos, onde a sardinha alcançou o preço de 4885, o quilo. No citado mês, as vendas de sardinha nos portos do Algarve totalizaram: Portimão, 4.959.964\$00; Vila Real de S. António, 4.480.053\$00; Olhão, 1.227.513\$00 e Lagos, 593.385\$00.

A razão por que a nossa lota é hoje a mais compensadora do País, para os pescadores, reside no facto de se fazer grande exportação de sardinha para consumo e de se abastecerem aqui as fábricas de todo o Algarve, além da indústria local, que só muito raramente se abastece de outras lotas que não sejam a sua.

E parece-nos que feneceu de vez a lenda de que a lota de Vila Real era a mais ingrata do Algarve. Foi tempo...

Exportação Em Julho findo, o total das exportações de conservas de peixe foi de 2.704.409 quilos. O primeiro centro exportador foi Matosinhos com 997 884 quilos; o segundo, Olhão, com 533.021; o terceiro, Vila Real de Santo António, com 361.426 e o quarto, Portimão, com 331.428 quilos.

Exportação de frutos secos No ano de 1952, foram exportadas as seguintes

quantidades de frutos secos: (produção do Algarve e do resto do País, — alfarroba, 11.875.554 quilos, no valor de 19.835.514 escudos; amêndoa em casca, 276.054 quilos, no valor de 2.642.748 escudos; amêndoa em miolo, 3.838.907 quilos, no valor de 91.258.490 escudos; figos passados, 1.505.195 quilos, no valor de 7.616.379 escudos; grainhas de alfarroba, 2.958.105 quilos, no valor de 14.662.844 escudos; grainha farinada, 176.130 quilos, no valor de 2.414.942 escudos.

As nossas frutas Por nos parecer de grande utilidade para a nossa agricultura, vamos dar nota das frutas do Algarve entradas no mercado de Lisboa em 1952: (o primeiro número refere-se aos cabazes, o segundo, aos quilos e o último, aos valores) — maçãs, 277, 6.010 e 14.285 escudos; peras, 1.674, 40.489 e 150.648; marmelos, 937, 20.656 e 31.546; nêspersas, 13.716, 348.137 e 961.913; pêssegos, 153, 3.366 e 9.697; ameixas, 13.301, 352.582 e 663.059; damascos, 10.155, 251.860 e 710.366; cerejas, 765 quilos no valor de 3.415 escudos; ginjas, 47 quilos no valor de 148\$00; laranjas, 88.069, 1.942.630 e 4.748.148; tangerinas, 52.327, 1.279.491 e 3.423.721; tangeras, 5.467, 130.729 e 441.664; toranjas, 151, 3.103 e 10.372; limões, 14.783, 342.302 e 834.118; limas, 1, 20 e 50; cidras, 19, 339 e 1.435; figos, 180, 3.693 e 5.094; romãs, 839, 20.335 e 40.476; uvas, 71.038 quilos no valor de 290.560 escudos; melões, 167.837 qui-

OLHÃO

Tomou posse o novo vice-presidente da Câmara Municipal

No dia 30 do passado mês, realizou-se nesta vila, no salão nobre dos Paços do Concelho, o acto de posse do novo vice-presidente da Câmara Municipal de Olhão, sr. Alfredo Ferro Timóteo Galvão, que vai exercer as funções deixadas pelo sr. João Uva Sancho.

A mesa de honra era presidida pelo presidente do Município, sr. Lourenço Mendonça, ladeado pelos srs. Ferro Galvão e dr. Fausto Pinheiro, presidente da Comissão Concelhia da União Nacional.

Falou em primeiro lugar o sr. dr. Fausto Pinheiro, em nome da União Nacional, que teve palavras de muito apreço para com o empossado. A seguir, em breves palavras, o presidente do Município agradeceu ao sr. Galvão por ter aceitado o lugar, respondendo o empossado às carinhosas palavras que lhe foram dirigidas, num breve discurso de improviso.

Encontrava-se numeroso público, muitos industriais, comerciantes, membros da Junta de Freguesia de Olhão, Quelfes, Pechão e Moncarapacho, membros da Casa dos Pescadores, membros do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe, Santa Casa da Misericórdia, Grémio do Comércio, vereadores, comandante da Guarda Fiscal, subchefe da Polícia, etc. — c.

Infante D. Henrique

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dívida para com a nossa própria História.

O diploma a que fazemos agora referência dá-nos, porém, a certeza de se ter dado um primeiro passo de bom agouro. E já não é sem tempo...

Banco Português do Atlântico

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

das actividades daquela organização bancária no Algarve, e em que se tem evidenciado, de forma brilhante, a acção inteligente levada a cabo pelo Administrador, sr. Brás Cabrita de Almeida Conde, a quem está confiado o pelouro das agências do Sul.

Como gerente da nova filial, ficou o sr. João Marcelino Ribeiro Fernandes, que, até há pouco, desempenhou idênticas funções na Agência daquele banco nesta vila.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

los; melancias, 296.116 quilos.

No mesmo ano, as frutas do Algarve entradas no mercado do Porto foram as seguintes: (cabazes, quilos e valores) — maçãs, 32, 711 e 2.015; peras, 27, 627 e 2.865; marmelos, 691, 18.975 e 31.415; nêspersas, 4.060, 102.892 e 267.885; ameixas, 1.221, 27.494 e 51.065; pêssegos, 1, 22 e 120; damascos, 2.031, 49.643 e 121.400; laranjas, 1.603, 36.204 e 116.250; tangerinas, 3.240, 70.905 e 228.635; limões, 53, 1.167 e 2.066; figos, 5, 111 e 190; romãs, 284, 6.760 e 14.270; uvas, 471, 8.613 e 53.045; melancias, 5.204 quilos no valor de 10.730 escudos; melões, 5.210 quilos no valor de 17.270 escudos.

O Algarve é o maior fornecedor de nêspersas, ameixas, damascos, tangerinas, tangeras, limões, cidras e romãs ao mercado de Lisboa, no qual ocupa o segundo lugar no fornecimento de laranjas, sendo ultrapassado pelo distrito de Braga.

Do mercado do Porto somos os maiores fornecedores de nêspersas, damascos e romãs.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António

De 27 de Agosto a 2 de Setembro

TRAINEIRAS	
Flor do Sul	163.230\$00
Levante	66.230\$00
Brisa	62.427\$00
N. Sr.ª da Pompeia	30.300\$00
Batinha	25.185\$00
Leste	23.975\$00
Lola	19.400\$00
Carmela	16.665\$00
Liberta	14.760\$00
Infante	13.020\$00
Flor do Guadiana	9.310\$00
Raulito	9.168\$00
Pérola do Guadiana	8.850\$00
Persistente	8.855\$00
Maria Rosa	8.620\$00
Tufão	8.070\$00
Norte	7.760\$00
Agadão	6.730\$00
Sam Domingos	4.980\$00
Flora	3.090\$00
Total	510.655\$00

CÊRCOS

Amazona 23.360\$00

Movimento de Navios no Porto

de Vila Real de Santo António

de 28 de Agosto a 3 de Setembro:

Entrados:

CONDESA, Espanhol, de 1 307 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

MADALENA, Português, de 1.198 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

SÃO MACÁRIO, Português, de 1.038 ton., de Lisboa, vazio.

GIRÃO, Português, de 428 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

Saidos:

CONDESA, Espanhol, com amêndoa e conservas, para Marselha e Génova.

MADALENA, Português, com sal, para o Funchal.

GIRÃO, Português, com sal, para Ponta Delgada.

SÃO MACÁRIO, Português, com minério, para Bordéus.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 4 a 10 de Setembro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

Notícias do Algarve

Informamos os nossos estimados assinantes, que estão à cobrança os recibos referentes à 7.ª Série do «Notícias do Algarve», n.º 61 a 70, pelo que antecipadamente agradecemos o seu bom acolhimento.

Aos assinantes do Estrangeiro e bem assim aos das nossas Províncias Ultramarinas, agradecemos a remessa pela via mais rápida.

Preço de Assinaturas:

Contínente

Séries de 10 números . . . 9\$90

» » 20 » . . . 19\$90

» » 50 » . . . 49\$50

Ilhas e Colónias Portuguesas

6 meses 28\$80

Um ano 57\$60

Estrangeiro

Um ano 90\$00

Pagamento adiantado

TRANSPORTE

DE VEÍCULOS AUTOMÓVEIS

PARA ESPANHA

CONFORME já anteriormente

anunciáramos, encontra-se

plena e satisfatoriamente assegurado o trânsito de veículos automóveis, tanto ligeiros

como pesados, até 10 toneladas, entre Vila Real de Santo António e a vizinha cidade andaluza de Almonte.

O excelente e seguro ferry-boat «Campino», recentemente adquirido e posto ao serviço fluvial pela Empresa de Transportes do Rio Guadiana, teve a sua auspiciosa estreia, no passado dia 29 de Agosto, transportando de Almonte para esta vila o autocarro de passageiros LB-17-74, da vila de Sintra, com excursionistas em vigelegiatura turística através da Espanha.

Mais uma prova fríante em favor da utilidade de iniciativas tendentes à melhoria das comunicações internacionais, logicamente benéficas para o movimento turístico desta privilegiada zona fronteiriça, ainda com possibilidades de mais se desenvolver.

Gomes & Ramos, Limitada

Para os devidos efeitos se anuncia que, por escritura de 25 deste mês de Agosto, lavrada nas notas do 9.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário abaixo assinado, Rosária Maria deixou de fazer parte da sociedade por quotas Gomes & Ramos, Limitada, com sede em Vila Nova de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António, em virtude de cessação que fez a sua filha Francelina de Sousa Madeira da quota que herdara de seu falecido filho António da Conceição Ramos, tendo a cedente e a cessionária, como únicas herdeiras do mesmo António da Conceição Ramos, dado o seu assentimento a que a dita firma em que se inclui nome deste, continue sem alteração;

Em virtude da indicada cessação, António Agostinho Pereira Gomes e a referida Francelina de Sousa Madeira ficaram sendo os únicos sócios da sobredita sociedade, e alteraram o artigo 5.º do pacto por que ela se rege, artigo que passou a ter a seguinte redacção:

5.º

A administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, incumbem a qualquer dos sócios António Agostinho Pereira Gomes e Francelina de Sousa Madeira, que ficam nomeados gerentes, com o uso da firma e dispensa de caução. A sociedade, porém, não poderá em caso algum ser obrigada em fianças, abonações, letras de favor e em quaisquer outros actos e documentos estranhos aos negócios sociais.

Lisboa, 31 de Agosto de 1954.

O Notário,

Fernando Tavares de Carvalho



DESPORTO

Começa hoje o Campeonato Nacional da II Divisão

EM FARO: — S. C. Farense — Portalegrense
EM PORTIMÃO: — Portimonense S. C. — C. D. Beja
NO MONTIJO: — G. D. Montijo — S. C. Olhanense

O Campeonato Nacional da II Divisão esta época é feito em duas zonas: Norte e Sul.

Representarão o Algarve as equipas do Olhanense, do Farense e do Portimonense. Todas elas se prepararam entusiasticamente no defeso, no sentido de valorizarem os seus quadros.

O Olhanense conta novamente com Eminência e conseguiu a transferência de Rangel, que representou a época passada o grupo de Peniche. Tem também um prometedo elemento de Coruche e espera um guarda-redes do Norte do País.

O Farense reforçou o seu «team» com Isaurindo e está esperançado em conseguir a colaboração de dois outros elementos, um dos quais da nossa Vila.

O Portimonense conta com Hilário e o espanhol Reis. O médio Garcia parece-nos que esta temporada não poderá dar o seu concurso à equipa da Praia da Rocha.

Resta-nos desejar boa sorte aos representantes da nossa província para o ressurgimento do seu futebol.

H. V.

DE VEZ EM QUANDO...

PEQUENOS CLUBES

SEMPRE tenho mantido viva simpatia pelos pequenos clubes que em modestas, recônditas e desconhecidas terras vivem, sabe Deus à custa de quanto esforço e dedicação. Desviam os sócios de atracções perigosas entre as quais avulta a taberna, que não sabemos por que budas goza de desmarcada protecção e campeia aberta quando os demais estabelecimentos cerram suas portas. Pena é que esses pequenos centros de diversão não sejam emparados e alargada a sua acção sobretudo no sentido cultural não se limitando a bailes de duvidosa moralidade, de jogos de cartas nem sempre lícitos e inofensivos e do cultivo da bola, quase sempre pernicioso, porque se não faz com regra nem mantém as leis higiénicas a que todo o desporto deve obedecer. Se lá fosse o médico, o pároco, o professor, todos os que pudessem e quisessem colaborar numa cruzada de bem-fazer físico e espiritual, esses modestos clubes tornar-se-iam, dentro do seu âmbito, focos de uma irradiação intensamente benéfica cujos frutos se viriam a recolher com o tempo.

Há, na minha terra, um grupo de

rapazes associados formando o seu clube. Ali se juntam, ali se entretem com uma ordem, uma disciplina que eu admiro. Se algum deles quebra as regras estabelecidas suspendem-no das suas regalias ou irradiam-no.

Quando ali vou anualmente, numa peregrinação que é uma imposição do coração pela velhinha minha mãe, sempre por lá passo.

Lá me reuni com eles agora, em grave concentração a ouvir as notícias da rádio sobre os complexos acontecimentos da Índia.

Não foram meus alunos, pois são muito novos para isso, mas recebam-me com demonstrações de respeito e simpatia. Vejo-os sempre prontos e bem dispostos, quando se trata de prestar algum serviço em prol da população.

Pois estes rapazes modestos e simpáticos, ordeiros e serviçais, estão a organizar a biblioteca do seu clube. Já lá vi alguns volumes por eles adquiridos. Mas o clube é pobre e deste modo será demorada e laboriosa a sua organização.

Sabem quantos a estas coisas do espírito se dedicam o valor de uma biblioteca bem orientada e que benefícios ela pode trazer a quem tem ânsias de desdessar o espírito na fonte das boas leituras. E' uma luz que se acende a bater os escravos da ignorância e tantas vezes a carillar almas que se perdem nos labirintos da desorientação.

Se as duas primeiras obras de misericórdia são dar de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede, elas mantêm-se ainda e talvez com mais intimidade, quando os famintos e sedentos o são de cultura.

Há muitos escritores e de relevo, no nosso Algarve. Há muita gente que pode, e por imperativo de consciência deve auxiliar os que se querem erguer, por luzes espirituais acima da pura animalidade.

Aqui lhes deixo este apelo:—Auxiliem aqueles rapazes na organização da sua biblioteca. E' uma excelsa obra de bem-fazer.

Fica aqui o seu endereço—Clube Desportivo de Alcoutim—e com os seus agradecimentos a que, reconhecidamente, junto os meus.

Trindade e Lima

Correspondente

Precisa-se, empregado ou empregada, para francês e inglês e que conheça cálculo comercial. Resp. Guerreiro & C.ª, Lda., Fábrica de Conservas de Peixe, Olhão.

Vende-se ou arrenda-se

Um prédio r/c com 10 compartimentos, com estabelecimento de mercearias e vinhos, ramada, palheiro, garagem, poçilgas, etc., nora, tanque anexo ao prédio, com terreno muito produtivo, que leva de semente 6 alqueires e com árvores mimosas.

Também se vende um carro com 4 rodas, em estado de novo, para passageiros e um cavalo;

Um carro de 2 rodas com capoeira e uma mula.

Quem pretender dirija-se ao proprietário António Vasco — Manta Rota — Vila Nova de Cacela.

PARA AUXILIAR A EDIFICAÇÃO DA SEDE DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS JOSÉ LOPES TOLEDO OFERECEU TAMBÉM A SUA COLABORAÇÃO

O ARTISTA-AMADOR vila-realense, José Lopes Toledo, que em Lisboa, onde reside, se dedica a trabalhos artísticos, acaba de manifestar mais uma vez o seu interesse pelos assuntos da sua terra natal. E, como o auxílio dos nossos Bombeiros Voluntários é, sem dúvida, uma obra de alto interesse local, ofereceu-nos a sua colaboração no movimento que um grupo de pombalinos está praticando, no sentido de reunir fundos destinados a possibilitar a construção do quartel de que os bombeiros muito necessitam, pondo à disposição da respectiva comissão 4 artísticos quadros, que pintou propositalmente para este fim.

Os referidos quadros, que têm estado expostos nas montras dos estabelecimentos «Dyria» e «Havaneza», têm sido muito apreciados, e da sua venda resultará mais um contributo para se alcançar o objectivo que ansiosamente todos desejamos.

Gomes & Ramos, Limitada

Para os devidos efeitos se anuncia que, por escritura de 26 de Agosto próximo findo, lavrada nas notas do 9.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário abaixo assinado, o capital de Esc. 50.000.000 da sociedade por quotas Gomes & Ramos, Limitada, com sede em Vila Nova de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António, foi elevado a Esc. 250.000.000, nos termos seguintes:

1.º

O capital de Esc. 50.000.000 da sociedade Gomes & Ramos, Limitada é reforçado ou aumentado com a quantia de Esc. 200.000.000, em dinheiro, e fica, por isso, elevado a Esc. 250.000.000.

2.º

A importância deste reforço acha-se realizada, tendo dado entrada na caixa social, e divide-se em duas novas quotas, sendo uma de Esc. 151.000.000, subscrita pelo sócio António Agostinho Pereira Gomes e uma de Esc. 49.000.000, subscrita pela associada Francelina de Sousa Madeira.

Lisboa, 1 de Setembro de 1954.

O Notário,

Fernando Tavares de Carvalho

SECÇÃO DE CINEMA

POR VIKTORIANO ROSA

A Verdade sobre Hollywood — II

«Os espectadores evolucionaram consideravelmente, mas, desde há anos, Hollywood não levou a cabo nenhum esforço sério de renovação.»
 «O Cinema americano sofre de uma crise que deriva da falta de profundidade dos seus argumentos e da carência de sentido espiritual.»

in PRIMER PLANO, Maio de 1951

EM todo o mundo, cresce o descrédito de Hollywood. Todas as revistas, todos os críticos, todos os espectadores, acusam cada vez mais o seu desagrado contra o cinema americano. E enquanto o clamor alastra como o fogo, devorando a palha das fitas hollywoodesas, os magnates americanos recorrem aos mais diversos processos de mistificação, de coacção e sabotagem.

Recorrem à mistificação, iludindo os autênticos problemas do povo americano (como o problema dos negros) através de filmes como «Pinky» («Herança Cruel»), onde cozinham, na mira de dividendos semelhantes aos de «A luz é para todos», histórias sem pés nem cabeça, e, no fundo, mais ou menos racistas.

Elaboram os mais requintados sistemas de coacção obrigando os países sob a tutela americana a acordos como o Blum-Byrnes ou, mesmo sem acordos oficiais, a aceitar toda a produção standardizada dos seus estúdios.

Por fim, empregam a sabotagem na Europa, obrigando os estúdios a uma produção americanizada para aniquilar o prestígio do cinema europeu, comprando, a pouco e pouco, as principais firmas produtoras do nosso continente. E, tentando disfarçar (!) toda esta infame política, começam a distribuir para todo o mundo produções europeias (em nome

da celeberrima generosidade americana!) para, na realidade, cobrirem o fracasso económico da sua produção e, ao mesmo tempo, aumentarem os lucros dos filmes onde, por portas secretas ou não, conseguiram investir os seus capitais.

Nunca uma Arte sofreu como cinema a ganância e a falta de escrúpulos dos magnates do «vil metal». Mas, apesar de tudo, o Cinema reforça o seu poder como ARTE LINGUAGEM e na medida da luta dos seus amigos mais dedicados, quebra as algemas e, livre, como uma flor nova de uma nova Primavera, prepara-se para entrar em novos caminhos, ao serviço da Humanidade.

Quem avisa...

Contribuições e Impostos

Termina no dia 29 de Setembro o prazo para o pagamento da 2.ª prestação semestral da contribuição predial urbana e rústica; contribuição industrial, grupos A, B e C; imposto profissional — empregados por conta de outrem e profissões liberais —; e imposto para o serviço de incêndios.

No dia 30 de Setembro efectua-se o relaxe.

TRESPASSA-SE

Café «Beira-Mar», com quartos no 1.º andar, por motivo de retirada do seu proprietário. Negócio a tratar urgente.

Rua Serpa Pinto, 13 e 14 (frente à Lota do Peixe), Telef. 363 — PORTIMÃO

Moradias

Vendem-se três, em Vila Real de Santo António: Rua Almeida Garrett, n.º 9; Rua S. João de Brito, n.º 22 e Rua Vasco da Gama, n.º 10.

Tratar com o sr. João Inácio Pato — Vila Real de Santo António.

RADIOTÉCNICO

Precisa a Electro Victória J. P. S., Portimão. Indicar ordenado. Guarda-se sigillo se estiver empregado.

Martinho Rita Bexiga

CAMIONETAS DE ALUGUER Telef. 244 — OLHÃO

Agradece qualquer consulta sob fretes, ao que pode atender a qualquer hora do dia ou da noite.

PAPELARIA IDEAL

— DE —
 JOAQUIM A. CORREIA
 Rua 5 de Outubro, 20
TAVIRA
 As últimas novidades literárias
 Papelaria — Artigos Escolares
 ENCADERNAÇÕES
 COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS

A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

RAMOS & MATEUS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
 CARLOS GOMES & C.ª, L.ª
 4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA
 TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“EEMDYK”

carrega em LISBOA em 27 de SETEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DUIVENDYK» — 13 de Setembro

«LOCH GART» — 18 de Setembro

LICORES, XAROPES e VINAGRES

TÉCNICOS, precisam-se, para trabalhar no Alentejo.

Indicar condições e casas onde têm trabalho.

Resposta à nossa Redacção.

Aguardentes e Vinagres

Por um preço muito módico, envio um método recente, que ensina a fabricar, em 48 horas, aguardentes (finíssimas) de figos, alfarrobas e de todos os produtos açucarados. Também ensino para, no mesmo decurso de tempo, fabricar vinagres (também dentro da lei) com aguardente e água ou com vinhos fora do consumo.

VITORINO

Quinta da Restauração — TORRES NOVAS

A MOTORIZAÇÃO NAS ARTES DE PESCA LOCAIS

como meio de aumentar o seu rendimento

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

anual de 16 contos, para pagar a renovação das redes e barcos, o lucro do patrão e o trabalho do pescador é bastante baixo, e daí o ser ela considerada uma modalidade de pesca anti-económica.

Por este motivo é que o Governo fez publicar, em 20 de Julho de 1953, o Decreto n.º 39.283, pelo qual criou o Fundo de Renovação e Apetrechamento da Pesca, com o fim de auxiliar as pescas locais e aumentar o seu rendimento. E, como se explica no *Jornal do Pescador*, de Junho último, a Junta Central das Casas dos Pescadores apresentou um plano relativo às pescas locais, em que se empregam cerca de 40.000 pes-

cadores no nosso País. Entre as medidas preconizadas, prevê-se a motorização das embarcações, a modernização dos seus aparelhos e artes de pesca e o estabelecimento de portos de abrigo, assim como o melhoramento dos já existentes. Porque também ali se diz que motorizar as embarcações redundará em maior rapidez de deslocamentos, maior raio de acção e maior segurança para as tripulações.

Modernizar os aparelhos e artes de pesca permite aumentar o rendimento da pesca.

E' que isto é assim, vejamos a estatística da pesca feita em 1953 no porto da Fuzeta, pelas artes de pesca ao anzol, motorizadas e não, e pelas sacadas:

	Aparelhos de linha e anzol a motor	Aparelhos de linha e anzol à vela e remos	Sacadas à vela e remos
N.º de embarcações em cada mês.	17	25	25
N.º de tripulantes em cada embarcação	17	4	6
Valor da pesca de cada arte por mês.	28.035\$00	456\$00	2.587\$00
Repartição do valor por cada pescador, incluindo os lucros da empresa	1.649\$00	114\$00	398\$00

A diferença dos valores de 1.649\$00 e 114\$00, na pesca ao anzol, é absolutamente demonstrativa do que anteriormente se disse.

A pesca à linha pelas chamadas artes de caçada é feita a cerca de 4 a 5 milhas da costa, em frente do Cabo de Santa Maria, onde as profundidades descem rapidamente até aos 200 ou 300 metros, devido a um afundamento do planalto continental, como poderá ser observado na carta hidrográfica da costa algarvia. Em frente de Quarteira ou de Monte Gordo, estas profundidades distam 14 milhas da costa, que é a mesma distância, a que o mar do Cabo de Santa Maria se encontra da praia de Quarteira. Mas não são só as artes de caçada que melhoram o rendimento do pescador.

Os barcos motorizados podem efectuar as pescas com os covos que vão deitar nos locais de rochas submarinas, como em Quarteira, onde a rocha se estende desde 1 milha da costa até às 3,5 milhas, ou seja, desde 14 metros até aos 83 metros de profundidade, como vem desenhado na respectiva carta litológica.

No Norte do País, como em Peniche, aproveitando as facilidades concedidas pelo Fundo de Renovação e Apetrechamento da Pesca, são muitas as embarcações à vela que se motorizaram, e poucas são as que se deslocam à vela ou a remos. Para este efeito, a Junta Central das Casas dos Pescadores tem concedido empréstimos, sem juros, até ao valor de 80 mil escudos, aos pescadores com idoneidade profissional e moral, a fim de poderem adquirir o motor cujo custo total anda à volta de 40 mil escudos.

Este empréstimo é garantido pelo seguro de barco, motor e apetrechos, feito na Mútua dos Pescadores, à taxa de 3,5% ao ano, e para a sua amortização são retirados 10% da venda bruta da pesca.

Como as vendas do peixe são obrigatoriamente feitas pelas secções de vendagem das Casas dos Pescadores, estas entidades encarregam-se da cobrança das receitas e de estabelecer a conta corrente da amortização do empréstimo.

Finalmente, queremos chamar a atenção do pes-

cadador das praias algarvias, que segundo se lê no n.º 163, de Dezembro de 1952, do já mencionado *Jornal do Pescador*, que é editado em Lisboa pelo Gabinete de Estudos das Pescas, a direcção de pescas da FAO — organismo internacional que se preocupa com assuntos ligados à alimentação — recomendou o uso de uma embarcação a motor, que já é utilizada na Dinamarca, a qual pode facilmente sair, em costa aberta, com rebentação, e recolher, em idênticas condições de mar, abicando à praia.

A sua fotografia pode ser vista no referido *Jornal do Pescador*, que decerto providenciará para se obterem os detalhes técnicos da construção, assim como para a instalação dos varadouros comuns, com cobrestante instalado em terra.

São poucos ainda os barcos da costa algarvia que recorrem aos referidos empréstimos da Junta Central das Casas dos Pescadores, que para o fomento da pesca local destinou a quantia de 10.000 contos.

Num estudo sobre motorização dos barcos de pesca, da FAO, do corrente ano, lê-se que há tendência para acreditar que só os países em que reina o progresso técnico é que se podem permitir mecanizar a sua indústria de pesca e que o pescador dum país pouco desenvolvido nunca se poderia dar ao luxo de utilizar um barco a motor.

A experiência adquirida pelo FAO, em certo número de países, mostra que para o pescador, o motor, longe de ser um luxo, é uma necessidade. Quanto menos produtivas são as águas, mais o motor se torna indispensável para permitir à embarcação ir mais ao largo para perseguir os cardumes de peixe.

O comandante Sales Grade, capitão dos portos do Sul de Angola, dizia no 3.º Congresso da Pesca, de 1950, que havia mais embarcações motorizadas naqueles portos de pesca do que no Algarve, onde, por exemplo, em Quarteira, existiam, em 31 de Julho de 1953, segundo a Estatística de Pesca, 113 barcos em actividade e 103 não em actividade, movendo-se todos à vela ou a remos.

A que atribuir este atraso e desinteresse do algarvio, em relação aos restan-

NOVA CARTA DE SINES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Gama não lhe ficou atrás, com «matinée» e «soirée» de filmes espectaculares...

Para mim, a multidão informe e disforme de ocasiões assim, não há nunca maneira de a suportar... Nunca a multidão me agradou e, francamente, cada vez mais a detesto... E, escusava dizer, com a multidão vão aqueles a quem agrada a multidão, de qualquer espécie que ela, ou eles, sejam. Por experiência sei muitíssimo bem que não comungo com a multidão: posso estar de acordo com o pensar, o sentir ou o agir da multidão, mas isso é apenas casual concordância pessoal, como poderia ser discordância, se a minha cabeça ou o meu sentir me levasse para o lado oposto. Mas a alma da multidão fica-me sempre estranha, — um mundo impenetrável à minha mônada... Por isso, costume dizer, em sentido político ou outro qualquer, usando uma velha fórmula, que, quando estou só, está o meu partido em assembleia geral. Não deriva isto de qualquer atitude de prosápia ou soberba (que é pecado mortal que me é estranho) mesmo no seu refinado avatar de ostensiva humildade que ainda mais me repugna... porque também não sou humilde, bastando-me ser natural, bom ou mau, como sou.)

...Mas deixemos a digressão psicológica a que a multidão me ia arrastando, para irmos ao assunto próprio desta nova missiva sineense.

Acabou-se ontem (31 de Agosto) a papa doce, ou seja, o aprazível e fecundo repouso que aqui viera disfrutar. E como a carta anterior findara com a confidência acerca das 7 melodias para poesias de Heine, direi (para a História, bem entendido...) que três dias depois haviam subido a nada menos de 24 — e ainda mais cinco me visitaram depois. De modo que aqui estão, agora diante de mim, musicadas na sua letra francesa, as 24 primeiras poesias do famoso *Intermezzo*

ALMEIDA GARRETT E O TEATRO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ria, de 28 de Setembro de 1836, abriu o caminho à sua obra de fundador do moderno teatro português, exigindo dele as providências precisas para o melhoramento das artes dramáticas. O seu génio de organizador patenteou-se através do decreto de 15 de Novembro de 1836, o qual, além de lançar a ideia da construção do teatro de D. Maria II, criou o Conservatório e a Inspeção Geral dos Espectáculos.

Alguns anos depois, o governo reaccionário de Costa Cabral, desejoso de vinganças, abriu-se numa série de medidas, todas elas tendentes ao antiquamento do Conservatório. Após um destes golpes, atirados contra a obra que tanto lhe custara a erguer, Garrett protestou vivamente na Câmara dos Deputados. E num vibrante discurso, pronunciado em 15 de Julho de 1841, atacou brutalmente as providências do governo, porque — disse — «algumas das quais são tão absurdas, tão incoerentes, tão filhas dum espírito mes-

tes pescadores nacionais ou do ultramar? Talvez ainda tenha razão o nosso poeta João Lúcio, quando escreveu, há algumas dezenas de anos:

Oh meu ardente Algarve, impressionista
[ta o molol
Meu lindo pregulçoso, adormecido ao sol]

lítico — (são ao todo 66) —, e mais 5 que vêm em apêndice, e às quais não quis resistir, — talvez sobretudo pela tentação desta, admirável: «Amor, amizade, pedra filosofal, eu ouvia celebrar estas três coisas; celebri-as e procurei-as, mas aí nunca as encontrei.»

Em 20 deste mês, lá passou, como disse e recordei, o centenário da morte do grande Schelling; pois em 17 de Fevereiro de 1956, passara o da morte do incomparável Heine. Aproximando os dois vultos, tive a curiosidade de apurar bem o que o segundo, crítico lucidíssimo, além de poeta incomparável, precisamente um quarto de século mais novo, pensara da filosofia poética do primeiro... Para quem tenha interesse em refazer este inquérito, indicarei o capítulo *De Kant a Hegel* do livro *De l'Allemagne*, em que Heine expressamente visara corrigir os erros de informação de Madame de Staël no seu célebre livro do mesmo título.

Uma alfinetada final ainda Heine aplicou a Schelling; a quem não perdoava a tristeza de se haver tornado apóstata da doutrina que professara e que fizera dele «o pensador que outrora desenvolvera mais ousadamente na Alemanha a religião do panteísmo, aquele que mais alto proclamara a santificação da Natureza e a reintegração do Homem nos seus divinos direitos.» Este iniciador não morrerá, mas... tornara-se apóstata, embora pretendesse ter ficado o mesmo de outrora. Assim, prosseguiu Heine: «renega mesmo a sua qualidade de renegado, e, ao opróbrio de defecção, junta ainda a cobardia da mental!»

Este candente verberar applicava-se ao Schelling místico, que ele via agora «vivendo como um pobre irmão leigo», «no meio dos padralhões de Munique», restando «nas antecamaras de absolutismo» e «nos antros do jesuitismo» e do qual faz esta pintura admirável: «E' ali que eu o te-

quinho de retroacção e obscurantismo, que toda a opposição a elas é licita.»

O fogoso tribuno proclamara em público a verdade. Mas a facécia, atrada, como desafio, à cara dos déspotas, haveria de lhe ficar muito dispendiosa! No dia seguinte, a ditadura demitiu-o de Vice-Presidente do Conservatório (o presidente era o rei D. Fernando), de Inspector Geral dos Teatros e de cronista-mór do reino.

O acto do governo, por arbitrário, caiu mal na opinião pública. A Assembleia Geral do Conservatório, entidade a quem competia a eleição do novo vice-presidente, escolheu de novo Almeida Garrett, por 46 votos contra 36, protestando deste modo contra a política do Governo.

D. António da Costa, no seu livro *Auroras da Instrução*, revela-nos o seguimento destes acontecimentos, e comenta:

«Como era natural, recaiu a nomeação régia no imediato em votos, mas o Conservador Real de Lisboa, no dia em que principiava a succumbir, lavrava o mais nobre exemplo de gratidão para com o seu fundador, e lançou nos fastos nacionais uma lição de justiça.»

Como se vê, o estoicismo e a nobreza de carácter de Almeida Garrett, se lhe trouxeram grandes desgostos, também lhe proporcionaram francas alegrias, como no caso do Conservatório, que sempre o acarinhou, até mesmo no tempo em que... não era isento de perigo acarinhar um patuleia!

J. Silva Carvalho

Da criação na arte

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

nho visto andar errante como um fantasma, com os seus grandes olhos pálidos e a sua cara abatida e amortecida, imagem dolorosa dum realza decada. «Louremos antes o Schelling de outrora cuja memória irradiará eternamente nos anais do pensamento alemão». Heine falava assim em 1835. Pois em 1844, quando Schelling, em Berlim agora, se encontrava como uma espécie de profeta político-social, já alvejado também, implacavelmente, pela facção mais radical da jovem extrema-esquerda hegeliana, Heine, no seu célebre poema «Germania», em que descreve a viagem que faz de Dusseldorf a Hamburgo, ao passar na floresta de Teutoburgo onde as legiões de Varo, haviam ficado enterradas pela perfídia de Armínio — o grande Hermann, o primeiro grande herói alemão —, satiricamente evoca o que teria sido a Alemanha romanizada, se não fora aquele desastre; e então, entre outras coisas da mais cómica fantasia, recordando que haveria «um único Nero», «em lugar de três dúzias de pais da pátria», e que a moda seria «cortar as veias para pregar partida aos serventuários do despotismo», exemplifica que «Schelling tomara um banho, como um Séneca, e acabaria, ao menos, como um filósofo!»...

Perdoem-me os leitores já saturados, decerto, do Schelling e do Heine — fantasmas insuspeitados desta geração futebolica e militaritica em cujo seio nos movemos. Da minha colheita eremítica de novidades — (para mim, claro...) — a que me referira, vou fechar com uma velharia, maravilhosa chave de oiro: «a obra mestra da ourivesaria carolingia, o nunca assás gabado altar de Santo Ambrósio de Milão», no dizer de Pijoan, o conceituado professor catalão, autor da monumental *Summa artis*.

Assinado por um Magister Wolvinus Phaber, foi esse altar doado à basílica ambrosiana «pelo bispo Angleberto que ocupou a Sé de Milão entre os anos 824 e 829». Recorto da descrição de Pijoan: «A frente do altar é de oiro puro, com requadros de esmaltes e pedraria. Tem dezoito relevos, com cenas evangélicas, onde se agrupam abundantes figuras movidas (...). A face posterior, de prata doirada, tem cenas da vida de Santo Ambrósio, muito mais tranquilas e com menos personagens (...). Aos lados, dentro das mesmas margens esmaltadas de requadro, há anjos e santos fazendo guarda a uma cruz de esmaltes e pedraria.»

Nunca fui à Itália, mas provavelmente a maioria dos que vão a Milão e, naturalmente, se embasaca diante da Catedral maravilhosa e das convencionais belezas do cliché turístico, nem repara na espécie de pardieiro que será a vetusta basílica ambrosiana, e portanto não terá sonhado sequer com esta jóia única... Posso todavia dizer que vale a pena ir lá vê-la — a apreciar pelas fotografias — grandes e excelentes, por fortuna, que aqui tenho, (por sinal que, a côres, a do rectângulo puramente áureo), — e que inteiramente confirmam a descrição de Pijoan, que se não esquivava de advertir ainda: «As nossas minúsculas reproduções não dão ideia da

alegrias e dores que estão sofrendo esses fantasmas plasmados pela sua imaginação. Com certa propriedade, afirma-se que o leitor de romances é um romancista frustrado. O artista, procura, também, na arte um complemento da sua vida. O leitor habitual de romances busca nos livros de ficção a riqueza e variedade de vida que a mesquinha de sua existência não lhe pode dar. O elo mais sólido que liga o artista ao público — é a emoção — a perfeita e íntima comunhão de interesses. Assim, não devem andar longe da verdade os que afirmam a religião e a arte fenómenos de origens idênticas. E se os artistas, tais os casos de Balzac e Flaubert, acabam por aceitar a força e a realidade dos produtos saídos dos seus próprios cérebros, ao leitor acontece-lhe o mesmo. A arte, brotando da vida, sobrepõe-se ou confunde-se com a vida. Com frequência, citam-se figuras literárias como símbolos que servem para catalogar determinadas espécies de homens. Muitos desses símbolos universalizaram-se, sem muitos saberem qual a sua origem e desconhecendo-lhes os criadores. O Tartufo e o Pantagruel, de Molière, o Frankenstein, de Ann Radcliffe, o Pangloss, de Voltaire, o Quixote, de Cervantes, o Conselheiro Acácio, de Eça, e tantas outras criações da ficção tornam-se verdadeiros símbolos da humanidade. Se a arte plagia a natureza, a vida, por sua vez, deixa-se influenciar pela arte.

Não restam dúvidas de que o verdadeiro artista tem de viver as suas criações. Não basta pensá-las; torna-se fundamental que o artista as viva e sinta, como se tratasse da sua própria carne, siga o seu destino como se fosse o seu próprio destino que estivesse em jogo.

O artista deve sentir emocionalmente o assunto; só assim conseguirá dar vida à sua obra e tornar esse assunto extensivo e compreensivo ao público. A emoção é, pois, indispensável ao artista. Mas já não é suficiente para se criar uma obra de arte. Hoje, ao artista exige-se-lhe uma sólida e ampla cultura, uma soma vasta de conhecimentos que lhe possibilitem discernir todos os segredos e mistérios da nossa época. Não se julgue, no entanto, que basta possuir uma vasta cultura para se construir uma obra de arte. Da mesma forma que se não aprende a criar beleza lendo obras de estética, também não se pode realizar obra valiosa partindo do conhecimento, dum técnica perfeita. Encontramos obras que tecnicamente são perfeitas e contudo se não podem considerar produtos de arte.

Outras, pelo contrário, apresentando deficiências de construção, conseguem impor-se como verdadeiras obras primas. Submetidas a uma apreciação meramente técnica, apreciadas meramente pelo estilo, muitas das obras de Balzac ou de Dostoevski teriam de ser avaliadas como medíocres e falhas de importância. Os antigos achavam que a arte obedecia a regras fixas, como qualquer outra actividade prática; assim, o acesso à arte implicaria, exclusivamente, essa aprendizagem de pormenores técnicos. Nada mais falso. Se o próprio génio não pode prescindir, efectivamente, da aprendizagem, do método de estudo, da aquisição de experiência, isto não conduz à aceitação de que a criação na arte esteja facultada a qualquer pessoa. Quantos escritores nós conhecemos que, possuidores dum magnífico estilo, dum domínio perfeito da técnica, só conseguem escrever obras de interesse reduzido, páginas e páginas onde nada de belo se vislumbra, onde nada encontramos que nos fale à inteligência e à nossa sensibilidade.

E' o poder emocional, essa facilidade em insuflar vida a fantasmas, é a estreita adesão entre o objecto criado e o criador que constitui o segredo do êxito, o elemento primordial que forma um verdadeiro temperamento de artista. E sem esse temperamento altamente especificado, não há obra que consiga vingar. O artista — todo aquele que é digno desse nome — é o homem que se esquece de si próprio, ou melhor, o que faz das suas torturas e das dores o sangue de toda a humanidade. «A arte é a mais alta alegria que o homem dá a si próprio.» É essa alegria e felicidade, que o artista colhe na realização da sua obra, consegue-a através do amor, do seu auto-sacrifício, da comunhão perfeita entre ele — ser solitário e muitas vezes infeliz — e toda a humanidade que o cerca.

Rodrigues Pena

fenomenal quantidade de vida que esses relevos contêm». «Que grande é a arte, quando é arte!»

Francisco Fernandes Lopes